

## **Usos públicos do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Praça da Estação e Turismo**

**Iomara Albuquerque Giffoni<sup>1</sup>**

### **Resumo**

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a apropriação dos espaços públicos reabilitados a fim de identificar como a atividade turística se insere na nova construção de usos e significados desses locais. Para tanto, delimitou-se o Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Praça da Estação em Belo Horizonte, Minas Gerais, como área de estudo devido a sua importância histórica. Como fundamentação teórica adotou-se os conceitos de espaço urbano e espaço público de Leite (2002). Realizou-se uma revisão bibliográfica dos planos municipais e estaduais, de várias Secretarias, inclusas as de Turismo, onde identificou-se que a fonte de dados mais consistente era o Plano de Reabilitação do Hipercentro de Belo Horizonte - Centro Vivo. A partir da análise de conteúdo desse plano verificou-se que esta região apresenta uma forte vocação para se desenvolver como uma área de eventos, agregando valor para o destino turístico Belo Horizonte que será uma das cidades sede da Copa do Mundo de 2014.

**Palavras-chave: Turismo. Belo Horizonte. Praça da Estação.**

---

<sup>1</sup>Bacharel em Turismo (PUC/MG). Especialista em Metodologia do Ensino Superior (CEPEMG). Mestre em Turismo e Hotelaria (UNIVALI/SC). Docente do Curso Técnico em Turismo e Entretenimento (CEFET/RJ). E-mail: turismara@yahoo.com.br.

## Introdução

Quem já não pôde experienciar a estadia em um lugar “mágico” ou “inesquecível”? Aqueles que tiveram a oportunidade de conhecer diferentes países poderão, inclusive, citar vários lugares e, ao serem indagados sobre qual a diferença entre eles, justificarão descrevendo o sentimento que eles lhes despertaram.

[...] o mundo é experienciado além de sua forma lógico-matemática, em termos de imagens, sentimentos e linguagem poética. Tudo isto, para se tornar uma experiência concreta, necessita “ter lugar”. O entendimento de um determinado lugar passa, portanto pelas suas estruturas concretas (substâncias, matérias, formas, texturas, cores) e também pela “atmosfera” gerada por esta determinada associação ... Como todas experiências humanas, a fruição integral do lugar é também dinâmica, tem uma história e uma capacidade de absorver mudanças mantendo e construindo sua identidade simultaneamente. (CARSALADE, 2001, p. 52)

Atendo-se ao quesito “atmosfera” que, para Carsalade, é fruto de determinada associação de elementos, vem a reflexão de que não seria exatamente isso que o planejamento turístico almeja: achar a fórmula para se criar essa “atmosfera” que se vê projetada no jargão “a cidade boa para o turista é aquela que é boa para o cidadão” e que, nas entrelinhas, quer dizer da sensação de bem-estar em um lugar que primeiramente é percebida pelo seu habitante e, oportunamente, pelo visitante.

Mas o que faz uma cidade ser “boa”? Quais são os ingredientes e suas medidas? Segurança? Uma paisagem agradável e bela de olhar? As trocas / convivência dos cidadãos entre si e com o visitante? Uma observação atenta e constante por parte dos órgãos responsáveis pela sua gestão, que resultariam em planos de intervenções urbanas adequadas a realidade local?

Belo Horizonte foi a primeira cidade planejada do Brasil. No ato da sua criação está intrínseco o desejo do homem de determinar seu próprio destino. Contudo, se no traçado da sua planta baixa, Aarão Reis conseguiu expressar o ideário do planejamento da nova capital, atualmente muitos planos e pesquisas são elaborados na tentativa de dar respostas à multiplicidade de questões que se apresentam na urbe belo-horizontina.

A ativação econômica do centro da cidade de Belo Horizonte é uma dessas questões que se colocam para os governos municipal e estadual. Considerar o desenvolvimento da atividade turística nestes locais como uma das possibilidades para que se atinja esse objetivo é algo que o poder público mineiro já vislumbrou, tanto que o incremento do turismo foi citado como justificativa para a implantação de várias intervenções realizadas na região central, como por exemplo, no Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Praça da Estação.

Este conjunto arquitetônico compreende o prédio da estação ferroviária que abriga atualmente o Museu de Artes e Ofícios – MAO; a Praça Rui Barbosa que é popularmente chamada de Praça da Estação; a Casa do Conde de Santa Marinha; a Fábrica de Tecidos – Companhia Industrial de Belo Horizonte, conhecido como “104 Tecidos”; o Centro Cultural da Universidade Federal Minas Gerais; a Serraria Souza Pinto; os Viadutos de Santa Tereza e da Floresta.

A exceção dos viadutos, todas as demais construções são contemporâneas à fundação de Belo Horizonte, demonstrando a importância histórica desse local, que se constituiu no embrião a partir do qual a cidade se expandiu, não só por ser pioneiramente ocupada, mas pela importância que as indústrias ali instaladas tinham como fornecedoras de matéria-prima para a sua construção. A ferrovia foi construída em 1894, três anos antes da inauguração da cidade, em 12 de Dezembro de 1897. Apesar de Wirth (2006, p.92) apontar o escoamento da sua produção, principalmente do café, como principal justificativa para a implantação de ferrovias em Minas Gerais, para Belo Horizonte esta era peça chave no abastecimento da cidade de tudo o quanto era necessário para a sua construção, além de transportar as pessoas e demais suprimentos. Enfim, tudo isso justifica a sua escolha como objeto de estudo.

Desde 2001 esta região vem passando por um contínuo processo de intervenções, que vem modificando tanto seu aspecto físico quanto o social. Pautado nos conceitos de espaço urbano e espaço público de Leite (2002, p.3), segundo o qual o espaço urbano somente se transforma em espaço público quando as ações (usos públicos) atribuem sentidos de lugar e pertencimento a eles e, de outro modo, essas espacialidades incidem igualmente na construção de sentidos para as ações. Esta pesquisa entende que, antes de se iniciarem as obras na Praça da Estação, esta era um espaço público, ou seja, possuía usos e significações para seus usuários. Tais usos

deixaram de existir durante o período em que esse espaço estava passando pelo processo de reabilitação<sup>2</sup>, caracterizando-o, naquele momento, como um espaço urbano.

A praça reabilitada foi inaugurada em 12 de agosto de 2004, a partir dessa data novos usos e significados estão sendo construídos, bem como um outro processo de apropriação do espaço, tendo como consequência um novo espaço público. Assim sendo, o objetivo deste trabalho é analisar a apropriação dos espaços públicos reabilitados a fim de identificar como a atividade turística se insere na nova construção de usos e significados desses locais. Para tanto, delimitou-se o Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Praça da Estação em Belo Horizonte, Minas Gerais, como área de estudo devido a sua importância histórica na urbe belo-horizontina.

A partir de uma análise documental dos planos da última gestão governamental, ou seja, 2007-2010, das mais diversas instâncias, inclusive o Plano Horizonte da Empresa Municipal de Turismo - Belotur e o Plano Setorial do Turismo de Minas Gerais da Secretaria de Estado de Turismo de Minas Gerais – SETUR/MG, verificou-se que a fonte de dados mais consistente era o Plano de Reabilitação do Hipercentro de Belo Horizonte - Centro Vivo, desenvolvido pela Secretaria Municipal de Políticas Urbanas. E será a análise desse documento que se apresenta a seguir.

### **Plano de Reabilitação do Hipercentro de Belo Horizonte - Centro Vivo**

Datado de maio de 2007, esse plano teve por objetivo apontar soluções de planejamento, desenho urbano e paisagismo que permitissem dinamizar usos e ocupação, implementar a melhoria do ambiente urbano e a valorização das áreas públicas, conferindo as mesmas condições de vida compatíveis com o seu potencial e sua importância na cidade.

A metodologia adotada buscou obter uma visão ampla, foram realizadas diversas pesquisas, das quais se destaca o mapeamento do perfil dos usuários do hipercentro de

---

<sup>2</sup> Arroyo (2004, p.32): a reabilitação urbana como instrumento de planejamento tem o papel de estabelecer a continuidade nos processos de apropriação dos espaços, no sentido de incorporar as demandas físicas e sociais contemporâneas associadas às referências simbólicas do passado e às potencialidades futuras dando um sentido de constância temporal. Trata-se então de processo a longo prazo, de atualização do passado as demandas e necessidades atuais e futuras da cidade, respeitando as práticas sociais / culturais consolidadas.

Belo Horizonte. Seu objetivo foi dar subsídios à adequação dos projetos de recuperação de cada lugar ao perfil dos seus usuários tradicionais. Dessa ação resultaram os mapas “Síntese da dinâmica urbana – Período diurno e noturno”, que se vê nas FIG. 1 e 2.

O primeiro mapa mostra a apropriação da região durante o dia, e se chama a atenção para o fato de que a porção norte do Conjunto Arquitetônico da Praça da Estação - onde estão localizados o Centro Cultural da UFMG, a Casa do Conde, o Prédio 104 tecidos, o viaduto da Floresta e duas laterais dos jardins da Praça - estão coloridas na cor cinza claro, o que, segundo a legenda, significa que ali há um baixo fluxo de pedestres, um alto grau de degradação das calçadas, há também a apropriação do espaço por parcelas marginalizadas da população e se encontram edificações abandonadas, galpões e imóveis fechados.



FIGURA 1 – Síntese da dinâmica urbana DIURNO.

Fonte: Plano de Reabilitação do Hipercentro de Belo Horizonte – Centro Vivo



Do lado oposto, a situação se repete para a Serraria Souza Pinto. Deve ser observado também que a Rua Aarão Reis e a lateral da esplanada da Praça da Estação estão marcadas em amarelo, identificando que são lugares de descanso da população de rua. No caso específico da esplanada, isso se deve ao fato de ali se situar a sede do Projeto “Miguilim”<sup>3</sup>. Sendo que, em relação à população marginalizada, Arroyo (2004, p.18) coloca que:

Cidades como Belo Horizonte, que buscam o incremento do setor de serviços, que vem iniciando seu processo de intervenção nas áreas centrais, se voltam muitas vezes para o atrativo econômico baseado no turismo de negócios e na chamada “internacionalização cultural”. Assim, quais seriam as alternativas no direcionamento de políticas públicas urbanas para reabilitar as áreas centrais: as de valorização e apropriação plural ou de controle da diversidade social destes espaços setorizando as possibilidades de apropriação?

Tal indagação é pertinente uma vez que, notadamente, a maior apropriação indicada pela FIG. 1, existente na área do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Praça da Estação é da população de rua, e as propostas existentes para o lugar não validam esse uso e não apontam alternativas para esse público, o que pode caracterizar um processo de *gentrification*<sup>4</sup> no local.

O que se nota é que a relação entre intervenções urbanas de larga escala e as alianças estratégicas entre poder público e setores do capital tiveram, por muitas vezes, a característica de expulsar os setores populares, “classes perigosas”, do que poderíamos chamar de centralidades da cidade, áreas que passam a representar um “ideal” de cidade, com modelos de ocupação aceitos mundialmente. (ARROYO, 2004, p. 19)

Ao mesmo tempo, há que se ponderar que a Praça da Estação é um elemento identitário de Belo Horizonte e que o direito que a sociedade, de forma ampla, tem a esse espaço foi colocado no próprio uso plural proposto por Arroyo. Acredita-se que a questão da população de rua não deve ser tratada pelo viés da vitimização do indivíduo,

---

<sup>3</sup> Conforme Lima (1998, p.1) o Programa Miguilim é uma iniciativa da Prefeitura de Belo Horizonte, implantado em 1993, cujo objetivo é garantir as crianças e adolescentes em situação de risco social a oferta de oportunidades educativas, afetivas, culturais, socializadoras e profissionais para construir um novo modo de vida. O nome “Miguilim” vem de um romance de João Guimarães Rosa, onde um personagem chamado “Miguilim” oferece a uma criança uma nova perspectiva de mundo.

<sup>4</sup> *Gentrification*: segundo Leite (2007, p.61) este termo é usado para “designar formas de empreendimentos econômicos que elegem certos espaços da cidade como centralidade e os transformaram em áreas de investimentos públicos e privados”.

este é um problema da sociedade que perpassa por questões sociais mais profundas que somente a ocupação de um determinado espaço da cidade por essa parcela da população e tais questões sociais não são o foco deste trabalho. O que se vislumbra é que ações para integrar essas pessoas à nova dinâmica social e econômica do lugar poderiam ser implementadas, por exemplo, através de uma parceria entre o projeto Miguilim e os mantenedores das demais instituições e comércio situados ali. Coloca-se apenas que o direito de ir e vir à Praça da Estação não deve ser coibido por questões de segurança.



FIGURA 2 – Síntese da dinâmica urbana NOTURNO  
Fonte: Plano de Reabilitação do Hipercentro de Belo Horizonte – Centro Vivo

Na apropriação noturna sintetizada na FIG. 2, foram identificados três usos, predominantemente na Rua Aarão Reis: pedestres para uso de transporte coletivo (em amarelo), população de rua para descanso (em vermelho) e pontos de lazer noturno, boemia e *happyhour*. O fato de somente a explanada da Praça da Estação se encontrar em amarelo é devido a ali se situarem pontos de ônibus e a estação central do metrô.

Das FIG. 1 e 2 abstrai-se ainda que a grande parte do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Praça da Estação não possui usos definidos, se constituindo como espaços urbanos a serem ocupados, principalmente no período da noite. Isto indica que a área pode ser utilizada para a realização de eventos, como foi identificado na Pesquisa de Percepção Ambiental, também realizada no Plano de Reabilitação. Tal pesquisa, por sua vez, objetivou conhecer a visão dos diversos grupos sociais presentes ou interessados na área, quanto às referências que marcam a história do local, suas características atuais, as tendências de evolução e as expectativas e demandas deles.

Praça Rui Barbosa, Boulevard Arrudas e quarteirões adjacentes: área que vem se consolidando como importante eixo de concentração de equipamentos culturais e de lazer, e realização de grandes eventos a céu aberto como shows, feiras e comícios. Neste sentido, a presença do complexo da Casa do Conde de Santa Marinha, do MAO, da Serraria Souza Pinto e do Parque Municipal, dentre outros, reforça esta vocação. A localização estratégica da área é reforçada pela presença da estação central do metrô e de integração de ônibus urbano da Rua Aarão Reis. Apesar dos investimentos recentes de requalificação das Avenidas do Andradas e Contorno no trecho do Boulevard, da Rua Aarão Reis e da Praça Rui Barbosa há ainda muitos imóveis vazios e subutilizados na região, muitos deles tombados ou reconhecidos como de interesse cultural. (PLANO DE REABILITAÇÃO DO HIPERCENTRO DE BELO HORIZONTE, 2007, p.14).

Esta questão é retomada no item “Apropriação Especial dos Espaços Públicos”.

Deverão ser criadas feiras de caráter permanente em áreas públicas requalificadas e apropriadas ao caráter específico de cada uma delas. Entre as possibilidades avaliadas como mais interessantes para criar novos eventos turísticos e atrair novos públicos para o Hipercentro citam-se:

- Feira de objetos usados, antiguidades, sebos e brechós na Rua Sapucaí
- ... devem ser promovidos eventos ... especialmente na Praça da Estação ...
- ...outros eventos poderão acontecer em imóveis subutilizados ... galpões ao longo do Boulevard Arrudas...
- Prática de esportes radicais: ... criação de espaços voltados a essas atividades também no âmbito urbano ... propõe-se ... a implantação de equipamentos destinados à prática de *skate*, na modalidade *street*, em via lateral embaixo do viaduto Santa Tereza.

(PLANO DE REABILITAÇÃO DO HIPERCENTRO DE BELO HORIZONTE, 2007, p.32).



Para Vilela (2006, p. 19), o Programa Centro Vivo abarcou a Praça da Estação principalmente por ser um local de grande fluxo de pessoas, com o propósito de consolidá-lo como eixo de concentração de equipamentos culturais, de lazer e de realização de grandes eventos a céu aberto, tais como shows, feiras e comícios.

Esta situação reverbera na análise documental do Plano Setorial do Turismo de Minas Gerais – Diretrizes, Programas, Planos e Ações 2007 / 2010 (2006, p.90) onde ele afirma que “a inserção de Belo Horizonte, de maneira mais competitiva, no circuito brasileiro de turismo de negócios e eventos é uma decisão estratégica tomada pelo Governo do Estado, com apoio da Prefeitura de Belo Horizonte e do Ministério do Turismo”. Mas esse plano não determina nenhuma ação específica para a Praça da Estação.

Mesmo no Plano Horizonte (2006, p.65), que é um instrumento técnico com o objetivo de impulsionar o turismo, foi ressaltado “a presença de destaque dos eventos de caráter cultural entre os principais produtos turísticos de Belo Horizonte”.

Realmente ao longo da história da Praça da Estação, os eventos apareceram em diversos momentos, como um dos principais usos desse espaço. Atualmente são vários os vetores que apontam para os eventos como uma das possibilidades de atividade econômica a ser desenvolvida no Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Praça da Estação: sua história, a arquitetura, sua centralidade dentro da urbe, o acesso facilitado pela Linha verde e pelo metrô, o espaço interno dos logradouros que abrigavam indústrias e a configuração de palco da esplanada da Praça da Estação após a sua revitalização.

Dados mais recentes, retirados do “Caderno de indicadores e pesquisas: Turismo em Belo Horizonte 2009-2010”, apontam que no *ranking* da *International Congress and Convention Association*, Belo Horizonte aparece como a 7ª. cidade brasileira que mais recebe eventos internacionais em todo o país. E como o 4º. destino no Brasil no segmento de Negócios, Eventos e Convenções, pela Embratur. Lembrando que ela será uma das cidades sedes da Copa do Mundo de 2014. Ao que tudo indica, esse será o uso público do espaço urbano aqui estudado.

## Considerações Finais

Conhecer os usos que os habitantes fazem de um dado lugar, como o Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Praça da Estação, é uma estratégia para realizar intervenções nos espaços urbanos a menos traumática possível para seus usuários. Mas não se pode ignorar que os habitantes de uma cidade nascem, crescem e morrem. A população se renova, assim como as relações e os significados que ela estabelece com os lugares. O fato é que não existe uma receita para fazer cidades “boas”, ainda que os seus elementos sejam conhecidos.

A análise da apropriação e usos públicos, tanto no período diurno quanto noturno, do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Praça da Estação nos leva a crer que esta área apresenta uma forte vocação para se desenvolver como uma área de eventos, agregando valor para o destino turístico Belo Horizonte que será uma das cidades sede da Copa do Mundo de 2014.

Há ainda que se mexer na associação dos elementos que geram a “atmosfera” do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Praça da Estação, mas o que pode ser seu futuro já se faz sentir nos bancos dos jardins da Praça, sempre ocupados pelas pessoas que se sentem bem em estar ali, porque a cidade é para o cidadão. O turista é, e sempre será, um visitante!

## Bibliografia

ARROYO, Michele Abreu. **Reabilitação Urbana Integrada e a Centralidade da Praça da Estação**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais: Gestão das Cidades) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-MG, Belo Horizonte, 2004.

CARSALADE, F. L. **Arquitetura: Interfaces**. Belo Horizonte: AP Cultural, 2001. v. 1.

Empresa Municipal de Turismo. **Caderno de indicadores e pesquisas: Turismo em Belo Horizonte 2009-2010**. Setembro, 2010.

\_\_\_\_\_. **Plano Horizonte – Marketing Turístico de Belo Horizonte – Relatório Final**. Belo Horizonte: Belotur, 2006.

LEITE, Rogério Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na *Manguetown*. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17 n. 49, p. 2-22, junho/2002.

LIMA, Sandra Maria Faleiros. Projeto Miguilim. In: Fujiwara, Luis Mario, et al. **20 Experiências de Gestão Pública e Cidadania** São Paulo: Programa Gestão Pública e Cidadania 1998. Disponível em: <http://www.eaesp.fgvsp.br/subportais/ceapg/Acervo%20Virtual/Cadernos/Experi%C3%AAncias/1997/9%20-%20miguilim.pdf>. Acesso em 14/06/2011.

Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. **Plano de Reabilitação do Hipercentro de Belo Horizonte**. Maio, 2007.

Secretária de Turismo de Minas Gerais. **Plano Setorial de Turismo de Minas Gerais – Diretrizes, Programas e Ações 2007/2010**. Belo Horizonte: SETUR/MG, 2006.

VILELA, Nice Marçal. **Hipercentro de Belo Horizonte: movimentos e transformações espaciais recentes**. Dissertação de mestrado. UFMG. 2006.

WIRTH, John. Minas e a Nação. Um estudo de poder e dependência regional, 1889-1937. In: - CARDOSO, Fernando Henrique, et al. **O Brasil republicano: estrutura do poder e economia (1889-1930) em História geral da civilização brasileira**; t.3; v.8 Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 8ed.